

## **DISCURSO, PODER E LETRAMENTO CRÍTICO PARA A MÍDIA**

Ivandilson Costa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – ivandilsoncosta@uern.br

**Resumo:** Este trabalho visa a um exame de elementos vinculados a textos jornalísticos, com o fim principal de construir reflexões para a construção de um letramento crítico da mídia. Street (2014) advoga em favor de uma concepção de letramento como uma prática social e ideológica. Este autor, ao ancorar as bases do letramento em uma dimensão mais ampla, como uma prática social e numa perspectiva transcultural, abandona uma visão de letramento como uma habilidade “neutra”, uma técnica, encaminhando sua definição para algo como “uma prática ideológica, envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicos”. Fairclough (1995) já propõe um quadro nesse sentido, ao questionar como os textos midiáticos são produzidos e de que modo são interpretados e consumidos, bem como de que processos socioculturais mais amplos fazem parte. Como teoria de base, tomamos os princípios operacionais da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1995; 2001 [1992]; 2003; 2006; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; RAMALHO; RESENDE, 2011), além de outros aportes transversais, como as teorias de multimodalidade discursiva (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; JEWITT, 2009; O’HALLORAN, 2011). Metodologicamente, a investigação se ampara em uma concepção qualitativa de caráter interpretativista e documental. Como delimitação, apresentaremos uma abordagem do gênero discursivo ‘capa de revista de informação’. A análise aponta para uma necessidade premente de se estudar, em sala de aula, como se caracteriza estrutural e funcionalmente produtos da mídia, visando levar em conta caracteres como ideologia, argumentação/persuasão, relações sociais de poder.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso, discurso midiático, letramento crítico.

### **Introdução**

O artigo deverá ser digitado no programa Microsoft WORD 2010 ou inferior, para Windows, utilizando formato A4, fonte TIMES NEW ROMAN tamanho 12, ter no mínimo 6 páginas e no máximo 12 páginas, margens superior e inferior de 3 cm, esquerda e direita de 2 cm, parágrafo 1 cm, com espaçamento 1,5 entre linhas.

Parece consensual que para compreender a sociedade moderna atual, temos cada vez mais que dar um lugar central ao exame do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e seu impacto. Nessa perspectiva o presente estudo pretende apresentar um exame de elementos vinculados a textos jornalísticos que circulam em nosso contexto, com o fim principal de construir reflexões acerca de uma proposta de letramento crítico da mídia.

O termo é forjado a partir do estudo de dois teóricos, cujas abordagens se intercomplementam. De um lado, temos que Street (2014) vê o conceito de letramento para além da concepção de uma mera técnica, mas sobretudo ancorado no conjunto de uma prática social e, numa

perspectiva transcultural, embebido em uma atividade ideológica e envolvido em relações de poder. Já Fairclough (1995), em sua análise sobre o discurso da mídia, já sinaliza em favor de um quadro em que, ao questionar como os textos midiáticos são produzidos e de que modo são interpretados e consumidos, considera de modo mais amplo os processos socioculturais esses produtos fazem parte.

Assim, o trabalho aqui busca examinar o funcionamento da instância midiático em nossa sociedade, pelo enfoque de um de seus produtos, pertencente ao domínio do gênero jornalístico, a capa de revista de informação. O trabalho procura, desse modo, traçar um ponte mais que oportuna para o caso aqui em tela qual seja aquela entre a estrutura e funcionamento da mídia e o processo de letramento, urgente nas práticas de leitura e produção de texto em sala de aula.

Para tanto, toma como base a Análise Crítica do Discurso, destacando seus conceitos operacionais básicos e seu desenvolvimento mais atual. Trabalhará ainda com pressupostos da Gramática do Design Visual, imprescindível para o enfrentamento do objeto de análise, constituído de um dispositivo multimodal pertencente à esfera midiática. Isto vem se tornar essencial para a ligação que buscamos entre os achados aqui levantados e um conceito mais amplo de letramento social, e, mais especialmente, de um letramento crítico para a mídia.

### **O aporte teórico de base: Análise Crítica do Discurso**

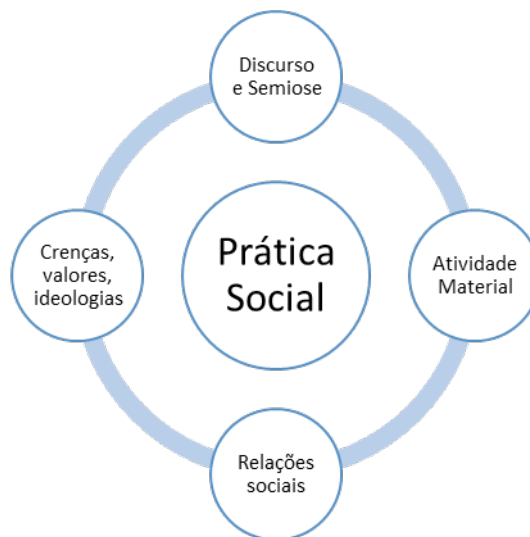
Para a Análise Crítica do Discurso (ACD), o discurso é tido como uma forma de prática social, realizada por intermédio de gêneros textuais. Isto tem as seguintes implicações (FAIRCLOUGH, 2001): (a) os indivíduos realizam ações por meio da linguagem; (b) há uma relação bidirecional entre o discurso e as estruturas sociais, na exata medida em que o discurso é simultaneamente influenciado pelas estruturas sociais e as influencia; (c) há uma preocupação com os recursos empregados na produção, distribuição e consumo dos textos, recursos sociocomunicativos, porquanto perpassados por discursos e ideologias.

Mais recentemente, especialmente a partir dos estudos expostos em Chouliaraki e Fairclough (1999), a teoria caminhou para uma consideração mais enfática do papel crucial da prática social para a análise. Passou a ser posta em xeque a centralidade do discurso como foco dominante na análise, passando a ser visto como tão somente um dos momentos das práticas sociais. Foi nesse contexto que tomaram assento novos aportes que se agregaram para reconstruir o arcabouço teórico da ACD: o Realismo Crítico, de Baskhar; a teoria crítica da racionalidade comunicativa, de

Habermas; a teoria da estruturação, de Giddens; o materialismo histórico-geográfico, de Harvey; o tratamento da ideologia, da teoria social crítica de Thompson.

A abordagem, assim, passa a ser tomada como relacional, não apenas concernente a discurso e texto, mas na relação do discurso com outros elementos da vida social. Como aponta o próprio Fairclough (2006, p. 29): “a mudança social pode ser concebida como mudança nas relações entre os elementos sociais de todos os tipos, como uma ‘rearticulação’ de elementos sociais que os põe em novas relações”. Assim, o discurso é tomado como um elemento da prática social que tanto constitui outros elementos como é constituído por eles, em uma relação dialética de articulação e internalização:

Figura 2: Momentos das práticas sociais



Fonte: Resende; Ramalho (2006); Resende (2009)

O discurso é considerado, portanto, como um momento integrante e irreduzível das práticas sociais que, como tal, envolve a linguagem em articulação com os demais momentos das práticas: a atividade material, as relações sociais, o fenômeno mental. É possível ainda enxergar o discurso, enquanto linguagem, como um momento crucial da vida social e, de um modo mais concreto, como um modo particular de representar parte do mundo.

## Uma abordagem teórica para os dados: análise do design visual

Quando se advoga em favor de uma análise multimodal do discurso (JEWITT, 2009; O'HALLORAN, 2011), postula-se que, antes de tudo, discursos são fatias de conhecimentos socialmente construídos de algum aspecto da realidade, desenvolvidos em contextos sociais específicos, em meios que são apropriados aos interesses de atores sociais nestes contextos. Nesse âmbito, temos que aparatos semióticos são usados para descrever os recursos/modos (por exemplo, visual, auditivo, tátil, olfativo, gustativo, cinestésico) em textos, discursos e eventos, chamados coletivamente de fenômenos multimodais.

Para Kress (2009), o modo é um recurso formado social e culturalmente para a construção de sentido. Dessa forma, imagem, escrita, layout, música, gesto, fala, imagem em movimento, som podem ser tomados como modos, usados em representação e comunicação. Como tais, os modos podem oferecer diferentes potenciais para se construir significado. Chega-se, pois, ao conceito de provisão multimodal (*affordance*), compreendido aqui como o potencial que tem um objeto de ser usado como foi projetado para ser usado. Modos, assim, possuem diferentes potenciais provisionais: fala e escrita nomeiam; imagens retratam; gestos dão ênfase e delinham tópicos e temas; o layout organiza informação, categorizando e orientando participantes como parte integrante ou não de um dado grupo.

A multimodalidade, por conseguinte, lida com uma compreensão da comunicação e representação para além da linguagem falada e escrita, apontando para toda uma gama de plataformas de formas comunicação usadas pelas pessoas – imagem, gestos, olhar, postura – e a relação estabelecível entre elas.

Diante do que se viu, com o olhar voltado para essa capacidade dos recursos multimodais de lidarem com uma gama de plataformas de formas de comunicação e seus potenciais para a construção do sentido, passaremos a tratar de tópicos mais relacionados ao presente trabalho, especialmente relacionados a aspectos como imagem, layout, estrutura de cores, sistemática de sons e voz.

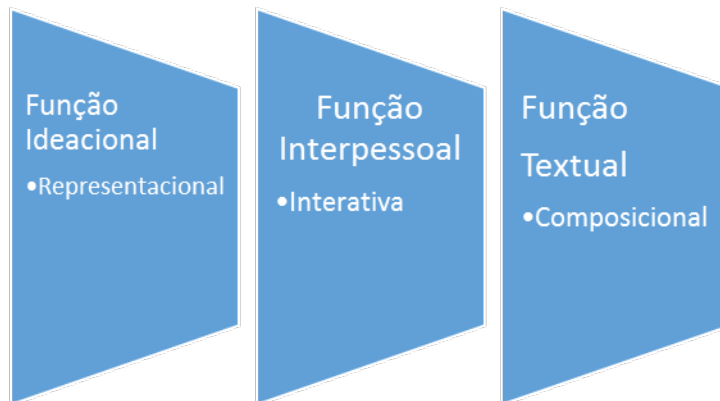
É, por conseguinte, cada vez mais urgente o debate acerca da importância das imagens na sociedade contemporânea. Não é desarrazoado falar, junto com Aumont (1993) de 'civilização da imagem', expressão que revela bem o quadro geral de se viver em um âmbito crescentemente permeado de apelos visuais, cada vez mais numerosos, diversificados, e insidiosamente intercambiáveis. Nessa perspectiva, temos que a relação entre a imagem e os usuários não se dá no seio de uma relação abstrata, de modo dissociado de um contexto múltiplo – social, institucional,

técnico, ideológico. Isso suscita questões básicas relativas ao funcionamento da imagem tais como que relação ela estabelece com o ‘real’; como se dão as formas e meios de tal representação; como ela trabalha com categorias singulares de nossa concepção de realidade, relações de espaço e tempo, por exemplo; como a imagem lida com a inscrição de significações.

Em busca de um postulado que abordasse como se dá a arquitetura dos elementos visuais em construtos semióticos, Kress e van Leeuwen (2006) conceberam a Gramática do Design Visual (GDV). Baseada em pressupostos da Gramática Sistêmico-Funcional, de Halliday, ela prevê que o aparato visual, tal como se concebe quanto à linguagem verbal, trabalha com formas próprias de representação, lida com relações entre participantes do evento sociocomunicativo e opera com relações de significado a partir do modo como se compõem os textos do ponto de vista de sua estruturação e formato.

De acordo com a abordagem da Gramática Sistêmico-Funcional, o significado linguístico, em sua interface com o aparato lexicogramatical, não se apresenta em uma relação especular com a realidade. O que temos são dimensões da estrutura semântica que se organizam para a construção em três dimensões: como representação, como intercâmbio, como texto. Assim, temos um princípio metafuncional *ideacional*, quando da utilização da linguagem para organizar, compreender e expressar as nossas percepções do mundo e a nossa própria consciência, para descrever eventos, estados e as entidades nele envolvidas; uma metafunção *interpessoal*, porquanto utilizamos a linguagem para participarmos de atos de comunicação com outras pessoas, para com elas interagirmos, para com elas estabelecermos e mantermos relações sociais, para influenciarmos seus comportamentos ou para lhes expressar os nossos pontos de vista sobre a realidade; uma metafunção *textual*, quando utilizamos a linguagem para organizar e relacionar o que dizemos ou escrevemos com outros eventos linguísticos e com o mundo real (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004, p. 20; GHIO; FERNÁNDEZ, 2008, p. 91). Uma correlação entre os dois aportes pode ser visualizada na figura 3, abaixo:

Figura 3: Correlação Gramática Sistêmico-Funcional/Gramática do Design Visual



Fonte: Almeida (2008)

Conforme demonstrado na figura acima, a GDV procura se ancorar nos padrões metafuncionais da Gramática Sistêmico Funcional. Em uma primeira instância, a função representacional, derivada da metafunção ideacional, lida com estruturas responsáveis pela construção visual de eventos, objetos, e elementos envolvidos na cena em foco, bem como as circunstâncias em que ocorrem.

Sob outro estrato, do ponto de vista da função interativa, aponta-se para a natureza dos recursos visuais em termos da construção das relações entre quem vê e o que/quem é visto. Para Kress e van Leeuwen (2006: 114), as imagens estão relacionadas a dois modos de participantes, participantes representados (pessoas, lugares e coisas representadas nas imagens) e participantes interativos (as pessoas que se comunicam umas com as outras através das imagens, os produtores e os observadores das imagens), bem como três tipos de relações: (a) entre os participantes representados; (b) entre os participantes interativos e representados (atitudes dos participantes interativos para com os participantes representados); e (c) entre os participantes interativos (as coisas que os participantes interativos fazem ou as que fazem entre si através das imagens). Isto designa três recursos que são levados a cabo no exercício de tal função.

No que tange a um terceiro aspecto, o da função composicional, tem-se o caráter relativo ao formato e estruturação do texto, apontando para “os significados obtidos através da distribuição do valor da informação ou ênfase relativa entre os elementos da imagem” (ALMEIDA, 2008: 12). Ou seja, tratam da colocação dos elementos (dos participantes e dos sintagmas que os conectam entre si e em relação ao espectador) dotando-os com valores de informação específicos.

## Analizando um objeto: o gênero capa de revista de informação

Trataremos aqui dos aspectos envolvidos na constituição de um gênero da mídia, a capa de revista de informação, a fim de discorrer acerca de suas particularidades estruturais, enfatizando os elementos de design visual, bem como seu caráter funcional na constituição do aparato editorial, enquanto um produto da indústria midiática. A escolha por este exemplar de gênero não se deu de modo aleatório, mas foi guiado sobretudo pela sua natureza capitular, em outros termos, pelo fato de figurar na abertura do segmento de mídia, sendo, como tal, suscetível a um grau de importância singular no suporte midiático que é o semanário de informação e entretenimento.

Figura 3: Capa de revista de informação



Fonte: Veja, 29 out. 2014.

A imagem em foco apresenta, do ponto de vista de sua estruturação, a presença de elementos interligados. No caso específico a marcação por linhas divisórias se mostra de modo tênue. As partes distintas, marcadas pelas figuras da presidenta (então candidata à reeleição) Dilma Rousseff, o bloco textual contendo a manchete principal do semanário, bem como a imagem do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, vêm, por conseguinte, separadas por conjunturas definidas por linhas de estruturação basicamente ausentes (estruturação fraca), caracterizando um sentido de identidade de grupo. Diz-se, assim, que as partes da imagem, em nível de estruturação fraca, estão em conexão, o que sugere um significado de comunhão entre as duas figuras representadas e o bloco central na qual estão contidos o texto curto e a manchete.

Neste caso também é mobilizada a estratégia visual de tríptico, em que elementos de uma composição são dispostos a par de um item centralizado, para o caso em questão nos espaços à direita e à esquerda.

Nesse âmbito, é marcante a ausência de linhas divisórias nas três porções visuais significativas da imagem, fator ainda mais acentuado pelo emprego de uma fotografia em tom de pouca saturação, pouca iluminação, pouco brilho, quase em preto e branco, como podemos comprovar pelo comparativo na figura mais adiante. A opção por escala de quase ausência de cor se justificaria pela intenção de tratar a matéria com significado de seriedade, crueza, com objetivo de causar impacto, para o que se aproveita de sentidos de distanciamento, frieza, amparados pelo uso de relações de cor próximas ao cinza, ao preto e branco. A relação praticamente monocromática só é quebrada pela apresentação da cor vermelha na manchete, o que pode nos sugerir duas hipóteses não excludentes – ou se está querendo reforçar sentidos de excitação, perigo e hostilidade, agregados à cor; ou se está fazendo referência ao partido a que pertencem as figuras políticas representadas, que tradicionalmente tem o vermelho basicamente como símbolo de campanha.

Para o caso da capa em destaque, a relação composicional de informação verbo-visual na distribuição centro-margem se mostrou significativa. Com linhas evanescentes separando os dois participantes representados, é para o segmento intermediário que se deseja que se concentre o olhar do observador.

No ponto concêntrico está contido um texto curto, em linhas resumitivas da reportagem principal da edição, acrescido da manchete. O texto curto é encabeçado por um índice, “*Petrolão*”, que aponta para um termo criado pela própria imprensa para representar o conjunto de escândalos envolvidos na gestão da companhia estatal Petrobras.

A escolha léxica, como vimos, envolve sistemas de classificação ideologicamente motivados, de acordo com dados interesses (FAIRCLOUGH, 2001). O uso do item em questão aponta para um fatiamento da conjuntura política brasileira tal como a explora a editoria do periódico em análise. Também faz parte do modo como este e seus leitores categorizam essa realidade, o que demarca uma relação entre veículo de mídia e espectador, entre produtor e mercado.

Não é desarrazoado relacionar a outro termo criado pela mesma comissão editorial, *mensalão*, e fazer um correlativo, inclusive levando em conta o aparato fônico e o termo de sentido



mais geral que seria motivador daqueles lexemas neológicos, a saber: *corrupção*. Trata-se, como se pode notar, de termos de sentidos extremamente pejorativos e, como tais, erigidos para a composição dos textos jornalísticos dessa ordem, não raramente lançados na composição de manchetes e figuração em gêneros como os que estão em foco no presente trabalho. A manchete, por seu lado, se apõe na parte inferior deste tomo central, o que pode, pela relação de espaço ideal/real, sugerir uma intenção de se expor nesse campo o concentrado de informação que se julgou mais concreta, prática, mais ‘verdadeira’.

Há que se destacar ainda, incitado na parte verbal da principal unidade da capa, o emprego de recurso intertextual (FAIRCLOUGH, 2001; FAIRCLOUGH, 2003; RAMALHO; RESENDE, 2011). Pelo uso da expressão *tenebrosas transações*, a edição alude a uma canção composta por Chico Buarque, autor da letra, em coautoria com Francis Hime, que tratou da melodia. É possível enxergar uma relação muito estreita entre intertextualidade e hegemonia (FAIRCLOUGH, 2001, p. 135; 2003, p. 45; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 119), na exata medida em que está situado no campo da produtividade – os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar convenções existentes para gerar novos textos. No caso em tela, é preciso recorrer ao contexto histórico-social em que a composição original foi produzida. Eram meados dos anos de 1980 e o Brasil saía de um período bastante sombrio de sua história, o da Ditadura Militar. Prisões arbitrárias, perseguições políticas, quebra de direitos civis, censura, cerceamento da liberdade de expressão, eram caracteres marcantes desse período. A composição faz referência ao exato momento em que se vivia o fim do regime de exceção, o que é marcado pela expressão de efeito que se repete e dá título à canção: *vai passar*. O trecho, que ora foi apropriado pelo texto jornalístico da capa em análise, alude a essa conjuntura, na qual, os cidadãos, impedidos de participar mais ativamente das decisões políticas e sociais, sofriam com ações da base do governo ditatorial, como o foi a promulgação do Ato Institucional n.º 5, conjunto de normatizações, que, culminando com a expressão singular daquele regime, tratava, dentre outras, de punir arbitrariamente os assim considerados inimigos de sua política de exceção. Ecoa, assim, a partir da letra da canção:

*Num tempo/ Página infeliz da nossa história/ Passagem desbotada na memória/ Das  
nossas novas gerações/ Dormia/ A nossa pátria mãe tão distraída/ Sem perceber que  
era subtraída/ Em tenebrosas transações*

Ora, essa produtividade textual, como defende Fairclough (2001), é socialmente limitada, bem como restringida e condicional conforme tais relações. A intertextualidade, portanto, precisa ser situada a partir de uma teoria de relações de poder e de como estas moldam e são moldadas por estruturas e práticas sociais. O que vemos no emprego intertextual do trecho da canção em um texto jornalístico é, portanto, uma contraposição de posições ideológicas diversas. De um lado, temos a composição de artistas expressamente contrários ao golpe e seu regime totalitário e, de outro, temos a editoria da revista de informação, peremptoriamente alinhada aos princípios políticos e ideológicos que fomentaram aquela conjuntura. De um lado, temos posições progressistas, defendidas até hoje pela figura pública do intelectual que compôs a peça artística; de outro, a conjuntura reacionária assumida pelo corpo editorial do veículo de mídia. Esquerda e direita, se quisermos simplificar, por rótulos, o campo dos embates ideológicos, em sua contrariedade na ação do emprego intertextual. É possível, portanto, não só mapear, nesse caso, as possibilidades e limitações dos processos intertextuais dentro dos estados de luta hegemônica, como reforçou Fairclough (2001; 2003), mas sobretudo situar tais processos como de luta hegemônica na esfera do discurso, o qual tem efeito sobre a conjuntura social, ao mesmo tempo que por ela é afetado.

Do ponto de vista do valor da notícia, o conjunto dos elementos verbais e de design visual abordado aponta para caracteres como ineditismo – a notícia inédita é mais importante –, interesse – quanto mais pessoas puderem ter suas vidas afetadas pela notícia, mais importante ela é –, negatividade e competição – a exclusividade da notícia, itens corroboradores da capacidade de impacto da peça midiática e conseqüente do potencial promocional, principalmente quanto aos recursos publicitários retóricos de chamar a atenção, despertar o interesse e estimular o desejo.

### **Considerações finais**

É possível ancorar, diante dessa perspectiva, o objeto de nossa análise como situado em um conjunto de práticas sociais que se encontram no campo das práticas midiáticas, sua presença e seu papel na constituição da vida social. É factual que, do ponto de vista de sua produção, quando nos reportamos a conglomerados de mídia, estamos diante de centros de poder. Primeiramente de poder econômico – empresas privadas transmitem e vendem mercadorias – e, em segundo lugar, centros de poder político, de controle social e cultural.

Estudos sobre o modo como se caracteriza estrutural e funcionalmente a mídia se apresentam, portanto, como essenciais ao tratamento de um trabalho em sala de aula, em que se tomem aspectos ligados à produção e leitura de textos genuínos. Isto levando-se em conta caracteres

como ideologia, argumentação/persuasão, relações de poder. Tal atividade corrobora, sob essa perspectiva, com aquilo a que vimos perseguindo, dentro de uma proposta de letramento social, como sendo algo em torno da construção de um letramento crítico para a mídia.

## Referências

ALMEIDA, Danielle (Org.). **Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog.** João Pessoa, Ed. UFPB, 2008.

AUMONT, Jacques. **A imagem.** Campinas: Papirus, 1993.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Globalization.** London; New York: Routledge, 2006.

\_\_\_\_\_. **Analysing discourse: Textual analysis for social research.** London/New York: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora da UnB, 2001[1992].

\_\_\_\_\_. **Media discourse.** Londres: Arnold, 1995.

\_\_\_\_\_. **Language and power.** 2. ed. London: Longman, 1990.

GHIO, E.; FERNÁNDEZ, M. **Lingüística sistémico funcional: aplicaciones a la lengua española.** Santa Fé: UNL, 2008.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. **An introduction to functional grammar.** London: Arnold, 2004.

JEWITT, Carey. An introduction to multimodality. In: JEWITT, C. (Ed.) **The Routledge handbook of multimodal analysis.** London: Routledge, 2009.

KRESS, Gunther. What is mode? In: JEWITT, C. (Ed.) **The Routledge handbook of multimodal analysis.** London: Routledge, 2009.

KRESS, G.; LEEUWEN, T. van. **Reading images: the grammar of visual design.** London/New York: Routledge, 1996.

O'HALLORAN, Kay. Multimodal Discourse Analysis. In: HYLAND, K.; PALTRIDGE, B. (Ed.) **The Continuum companion to discourse analysis**. London: Continuum, 2011.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. São Paulo: Pontes, 2011.

RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane. **Análise do Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Viviane . **Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico**. São Paulo: Pontes, 2009.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola, 2014